

O JORNAL APAGADO: ARTE, MEMÓRIA E CRÍTICA NA OBRA DE LEILA DANZIGER**THE ERASED NEWSPAPER: ART, MEMORY, AND CRITICISM IN THE WORK OF LEILA DANZIGER** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.012-041>**Maximiano Duval da Silva Cirne**

E-mail: maxcirne2@gmail.com

RESUMO

O presente artigo investiga a obra da artista visual e escritora Leila Danziger, com ênfase em suas experimentações a partir da materialidade dos jornais impressos. A análise busca compreender como, por meio de procedimentos de apagamento, rasura e reinscrição, a artista elabora um pensamento poético que tensiona as relações entre memória e esquecimento. Nesse percurso, a pesquisa evidencia a potência estética e crítica da efemeridade da notícia, sua obsolescência e fragilidade como suporte, articulando tais aspectos às noções de repetição, melancolia e temporalidade. Assim, a obra de Danziger é interpretada como um gesto de resistência frente ao aceleração contemporâneo, instaurando um tempo contemplativo que, ao resgatar fragmentos e vestígios, questiona tanto a função social do jornal quanto os modos de construção da experiência cotidiana.

Palavras-chave: Leila Danziger; Artes visuais; Memória; Esquecimento; Jornais.

ABSTRACT

This article investigates the work of visual artist and writer Leila Danziger, with an emphasis on her experiments based on the materiality of printed newspapers. The analysis seeks to understand how, through procedures of erasure, deletion, and rewriting, the artist elaborates a poetic thought that strains the relationships between memory and forgetting. In this process, the research highlights the aesthetic and critical power of the ephemerality of news, its obsolescence and fragility as a medium, articulating these aspects with the notions of repetition, melancholy, and temporality. Thus, Danziger's work is interpreted as a gesture of resistance in the face of contemporary acceleration, establishing a contemplative time that, by rescuing fragments and traces, questions both the social function of the newspaper and the ways in which everyday experience is constructed.

Keywords: Leila Danziger; Visual arts; Memory; Forgetting; Newspapers.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho, vinculado a uma pesquisa no campo das Artes Visuais, especifica questões em torno das Poéticas do Cotidiano. Parte da minha experiência pessoal enquanto repórter de um jornal impresso no Sul do Brasil. Um jornalista, que durante anos trabalhou no setor de cultura de um jornal (Diário Popular, Pelotas/RS), e se deparou diariamente com uma potência poética acumulada, e perdida, em blocos de anotações, lugar de registro das conversas com meus informantes, todos agentes do campo das Artes e da Cultura (artistas, curadores, produtores, responsáveis por instituições artístico-culturais). Na busca por encontrar certo pensamento poético contido nesses blocos, um caminho de pesquisa começa a ser traçado, incluindo nele naturalmente o encontro com referências e práticas culturais que possam iluminar a própria materialidade dos blocos.

Vivendo num cotidiano jornalístico (a partir de certo contexto cultural da cidade, é dada a pauta, começam as pesquisas sobre o tema, são identificadas as pessoas a quem entrevistar, e assim marcadas as entrevistas), as entrevistas neste caso específico são registradas à mão, e, posteriormente, são editadas e transformadas no texto jornalístico, cuja formatação discursiva segue alguns parâmetros vinculados à leitura e à reflexão. Trata-se, pois, de um longo deslocamento textual, desde o registro manual das impressões do encontro, da ordem do privado, entre o jornalista e o entrevistado, até o texto impresso publicado (o artigo jornalístico).

A hipótese aqui é que entre os blocos de anotações e a folha impressa nos cadernos de culturas (em todo o Brasil, cada vez menores), que nessa passagem ao jornal haja uma perda. E assim haja muito material em suspensão. Não se trata aqui apenas de conteúdo objetivo, de informações que não podem entrar na folha do jornal impresso. Havia, nos blocos de anotações, certo modo de perceber e de registrar movimentos da vida íntima de pessoas envolvidas com a produção de cultura, que não chega às páginas do texto publicado.

Esta pesquisa pretende, por meio dos agenciamentos permitidos pelo campo da Arte, considerar a poética contida na materialidade dos blocos de anotações. Reconhece-se, nos registros à mão, o vigor da vida e da produção desses entrevistados, agentes de cultura, repita-se, fomentadores do campo das Artes e da Cultura, portanto construtores de certo pensamento. A partir da relação de castração do discurso posteriormente imposta pela edição, e aparente no jornal impresso, o vigor da arte prevalece.

No decorrer da pesquisa, visando o desenvolvimento da reflexão em torno de um pensamento poético visual, algumas referências artísticas significativas (que se relacionam com o fazer jornalístico) foram se evidenciando. Vários são os profissionais que se apropriam da materialidade tanto do jornal quanto de outras expressões gráficas na realização de suas produções. Dentre eles, neste texto destaca-se Leila Danziger, artista plástica, professora do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Como artista contemporânea, vinculada a seu lugar e às suas coisas, Leila utiliza exemplares de veículos de comunicação dos séculos 20 e 21 – os seus jornais cotidianos, os jornais que ela lê. Particularmente esse material aparece na larga série *Diários públicos*, a qual a artista desenvolveu no longo período de 2002 a 2011. Com este artigo pretende-se desenvolver reflexão ensaística sobre as obras dessa artista-referência, iluminar assim questões importantes à pesquisa poética desenvolvida no campo das Artes.

2 DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

A questão que desponta e interessa, a partir do trabalho de Leila Danziger, está associada ao fato de a impressão disseminar o conhecimento e a palavra escrita em larga escala, considerando que escrever torna-se a garantia da memória do saber – particularmente levando-se em conta as inconstâncias do mundo da oralidade. Com a invenção da prensa móvel de Gutenberg, que permitiu a posterior invenção do jornal, paulatinamente ler a memória dos fatos cotidianos, sua narrativa, fez-se possível.

A materialidade gráfica das notícias participa da história dos homens e, como qualquer outra materialidade, é apropriada pelo campo das Artes, particularmente das Artes Visuais. Contar o que se vivia permitiu aumentar um ponto e dourar pílulas ao sabor dos ventos e das necessidades. Mas também forçou prensadores a trocarem letras e a contarem apenas parte da história; ou a contarem a história possível. Os dias estavam ali então alinhavados.

Assim, a prensa móvel, como invenção e técnica, foi utilizada para imprimir jornais, dando início à imprensa periódica regular, ou seja, ao aparecimento dos primeiros veículos de comunicação no qual se exerce o jornalismo e outras atividades da comunicação humana capaz de construir e reforçar valores de um determinado lugar.

Considerada essa nova materialidade, esse novo objeto jornal, a relação entre ele, o jornal, sua presença na cidade, e a arte é perceptível desde o início de sua presença na vida social. A disseminação dessas publicações em telas artísticas é comentada por Roger Chartier, em *A aventura do livro*. Como exemplo vemos *Bureau de coton à la Nouvelle-Orléans* (1873), obra de Edgar Degas, na qual homens negociam algodão nos balcões de Nova Orleans enquanto outros estão simplesmente por ali, e um homem particularmente lê um jornal. O autor chama a atenção para a presença desse jornal, ao centro da imagem, definido como “uma grande mancha branca em harmonia com a camisa do escrevente e as amostras de algodão” (CHARTIER, 1999, p. 64).

Figura 1 – Obra *Bureau de coton à la Nouvelle-Orléans* (1873), de Edgar Degas



Fonte: Livro *A aventura do livro*, de Roger Chartier

Tendo esta cena como exemplo, o historiador francês destaca a importância do jornal para a sociedade da época: “Na segunda metade do século XIX, o diário se tornou o instrumento obrigatório para quem quisesse conhecer as novidades do mundo, o fluxo das coisas, das mudanças e dos produtos” (CHARTIER, 1999, p. 64). O trabalho de Degas comprova que, a partir do processo gráfico desenvolvido por Gutenberg, o campo das Artes passou a incorporar referências “jornalísticas” à materialidade de documentos de grafia e de escrita. A ponto que, poucos séculos depois, pedaços dessa materialidade começaram a ser parte dos bastidores que anteriormente só recebiam tintas. Os artistas passam a utilizar, assim, papéis com impressões gráficas em seus processos de criação (colagens, superposições, fragmentos, letras).

Tal apropriação e prática, extremamente contemporânea, diga-se de passagem, ocorre até a atualidade. Para fins deste trabalho, tal uso, entre outros aspectos, permite de um lado questionar o papel social dos veículos de comunicação, de outro aponta para a efemeridade das notícias, aproximando a palavra escrita da imagem que se deseja produzir. É o caso da carioca Leila Danziger, cuja obra se estuda neste artigo, que, com seu fazer criativo, apaga e rasura os blocos textuais dos jornais, promovendo uma crítica contundente, associada a questões como o esquecimento e a memória das informações.

2.1 POR UM TEMPO CONTEMPLATIVO (OU MELANCÓLICO)

Em sua produção poética, Leila Danziger propõe-se a “pensar em algo que será esquecido para sempre”. Esta frase abre o livro *Todos os nomes da melancolia* (DANZIGER, 2012, p.1), dedicado a trabalhos artísticos próprios. O leitor encontra nas páginas do título, além de reproduções visuais, textos da artista e também contribuições de outros pesquisadores como Luiz Cláudio da Costa, Roberto Conduru, Raphael Fonseca, Márcio Seligmann-Silva, Marisa Flório e Marguerite Dewandel. Leila define sua obra como “uma parada em pleno voo, em pleno processo de identificar configurações de espaço-tempo resistentes” (DANZIGER, 2012, p.53). A melancolia não é concebida apenas como “uma afecção do corpo e do espírito conhecida desde a Antiguidade” (DANZIGER, 2012, p. 53). É considerada “uma forma de resistência ao aceleração vertiginoso do tempo” (DANZIGER, 2012, 53-54).

A artista propõe essa parada em pleno voo, um momento de pausa no curso da vida para questionar o cotidiano, antes que as horas e a rotina consumam a nossa energia vital. Diz, assim, que “não se trata de uma recusa, mas de um descompasso, uma lentidão desejada, um desacerto produtivo” (DANZIGER, 2012, p.54). Frente ao ritmo frenético imposto pelo século 21, o filósofo húngaro, residente no Brasil, Peter Pál Pelbart (2000, p. 12) sugere promover novas formas de subjetividade recusando o tipo de individualidade imposto. Leila faz isso ao realizar uma escritura feita de lentidão através de restos, estilhaços, coisas ínfimas (guardadas, esquecidas, reencontradas). Passa, então, a voltar o olhar para o mundo doméstico: sua própria casa, seus objetos, as disposições decorativas, os ajuntamentos e combinações.

Essa prática desponta na coleção de borrachas em *Os que vivem à beira da dissolução*, de 2011, no conjunto de cadernetas em *Biblioteca*, também de 2011, e na reunião de cabeças de bonecas somada a um emaranhado de pingentes e botões em *O que resta*, de 2012. As obras citadas são todas impressões fotográficas. Sobre elas, o artista e professor brasileiro Luciano Vinhosa, no texto de apresentação do livro (DANZIGER, 2012), destaca o cuidado artístico com que Leila trata a presença ordinária das coisas que as cerca, transformando-as em um mundo extraordinário para os olhos e a imaginação.

Os objetos selecionados pela artista propõem uma narrativa visual que necessita de uma pausa, de um tempo contemplativo para apreciação estética, a fim de deixar-se afetar. Uma afetação que está de acordo com o significado encontrado no livro *Pesquisar na diferença: um abecedário* (GALLI; NASCIMENTO; MARASCHIN, 2012, p. 26): afetar denuncia que algo está acontecendo e que nosso saber é mínimo nesse acontecer, ou seja, sinaliza a força de expansão da vida e das atividades que podemos viver.

Figuras 2 e 3 – Obras *Os que vivem à beira da dissolução* (2011) e *Biblioteca* (2011), de Leila Danziger



Fonte: Livro *Todos os nomes da melancolia* (2012), de Leila Danziger

A interpretação vai ao encontro do que Vinhosa refere quando diz que a obra de arte põe face a face duas singularidades, artista e público. “Por um momento, e apenas por um momento, se tornam cúmplices na experiência do sentido que realizam juntas” (VINHOSA, 2011, p.49). A interpretação de melancolia de Danziger aparece para aqueles que resistem ao aceleração do tempo ao observar um trabalho artístico. O mesmo também acontece nos jornais cotidianos apagados e esquecidos encontrados na principal série da artista, o qual discutiremos a seguir.

2.2 PERIÓDICOS EM DEGRADAÇÃO

Todos os nomes da melancolia apresenta, logo no início, uma série de trabalhos cuja estrutura é baseada em páginas de jornais, a maior parte delas praticamente apagadas, restando somente imagens. Percebe-se que, anteriormente, havia títulos e caixas de textos nestas superfícies. Agora, há apenas um vazio. Este resultado é fruto de um processo artístico. Danziger escarpela as folhas, extrai o que considera excesso e fixa apenas o que lhe interessa. Chama o resultado de “jornal apagado”. A própria explica em passagem de artigo publicado em 2005 (DANZIGER, 2005): “Vejo os jornais diários como paisagens e procuro sempre aquilo que interroga, que fere e fascina”.

Suas intervenções promovem a desordem nas páginas jornalísticas. Segundo a publicação *Diários públicos: Jornais e esquecimento* (DANZIGER, 2005), é promovida uma violência controlada, em que as páginas dos jornais, esvaziadas pelo ato extrativo de retirar a massa de informação, revelam uma espécie

de pele, superfícies em carne viva, marcadas pelo real. Sobre essa superfície descortinada, Leila carimba ou desenha figuras. Vale-se, inclusive, de caneta corretora para traçar linhas. A escolha revela-se irônica, uma vez que o objeto possui como tarefa principal o ato de apagar. Em algumas obras a artista chega a “salvar” palavras, que saltam aos olhos como sobreviventes da aniquilação, agenciando uma tradução plástico-poética do impresso. Tal prática costuma ser realizada com carimbos, que funcionam como pequenas formas, ou molduras, envolvendo as palavras.

Figuras 4 e 5 – Obra e detalhe da obra *Para Ana Cristina César* (2004-2007), de Leila Danziger



Fonte: Livro *Todos os nomes da melancolia* (2012), de Leila Danziger

Felipe Amaral Rocha de Menezes (2014, p.2), em seu artigo sobre a produção de Danziger, define como a poética da artista inicia e o que ela vai obtendo como resultado. Em sua análise, Leila parte de “uma coleção de jornais diários acumulados e conservados para serem lidos aos poucos” e os modifica no momento em que começa a trabalhar “a materialidade da folha do jornal, apagando, carimbando, imprimindo, gravando e se inscrevendo na página”.

Vejamos a série *Para Ana Cristina César*, produzida entre 2004 e 2007. Esta apresenta finas tiras dos “jornais apagados”. É neste corpo gráfico, manchado de tintas, poluído de informações de ponta a ponta, que Leila questiona essa sobreposição de dados comunicacionais ao promover sua própria bagunça, sem esquecer de salvar uma frase. Apenas uma, ao carimbar no topo: “Eu era menina e já escrevia

memórias, envelhecida”, um fragmento retirado de texto da poetisa homenageada no título da obra. O trecho selecionado provoca impacto, certamente significativo, talvez pessoal e de identificação para Danziger. Naturalmente salta aqui a força do encontro com a poeta, suicidada muito jovem, suicidada sem longa memória.

Outra frase potente também é evidenciada na obra *O silêncio das sereias*, de 2006, produzida com carimbo apagado sobre jornais. A citação é retirada de um conto de Franz Kafka: “Mas as sereias têm uma arma mais terrível que seu canto: seu silêncio”. Ambas construções são poéticas, literárias, raras de encontrar em publicações rígidas como os jornais - exceto em seus cadernos literários ou cadernos de cultura, cada vez mais raros.

2.3 DO APAGAR

Desde 2002, Leila Danziger utiliza sua vasta coleção de jornais cotidianos para conceber obras artísticas. Essas, apesar de possuírem títulos específicos, integram uma grande série chamada *Diários públicos*, que nos permite e mesmo nos força a refletirmos sobre diversas questões sociais. Numa análise do ensaísta e pesquisador da Universidade do Rio de Janeiro, Luiz Cláudio da Costa, contida no livro *Todos os nomes da melancolia*, a artista concebe cada um desses diários como “uma atividade de leitura, propondo ressignificar o texto impresso por meio de ações diversas sobre a materialidade do papel” (DANZIGER, 2012, p. 69).

Nesta ressignificação do cotidiano, Leila constrói novas imagens a partir de imagens desgastadas pela ação do tempo. Para a artista, os jornais trazem a marca da precariedade e efemeridade das coisas, pois para além da própria matéria frágil do papel é o compromisso com a palavra informativa, o que o torna tão rapidamente obsoleto.

Os jornais apagados aparecem aqui com força total, aproximando-se do processo de identificar configurações de espaço-tempo resistentes, uma vez que a artista realiza um diálogo entre o impresso jornalístico e outros textos e imagens provenientes de espaços e tempos diferentes. Danziger traz referências fotográficas e textuais à natureza, à anatomia humana, a sereias, ao clássico *Ulisses* de James Joyce, ao livro *Banzo*, de Coelho Netto, à bailarina e coreógrafa alemã Pina, à resenha do livro *Saturne et la mélancolie*, de Klimbansky, Panofsky e Saxl.

Ao oferecer um novo sentido para esse material, Leila adentra um caminho inverso, negando uma leitura superficial e abraçando uma pausa melancólica. Cria e transforma as funções habituais. Declara-se, assim, uma artista que vai contra a aceleração do tempo ao preparar narrativas visuais que “existam mediante contemplação – o tempo contemplativo da reflexão e da apreciação estética” (DANZIGER, 2012).

Leila propõe com seus diários uma leitura fragmentária, algo destoante dos modelos jornalísticos tão bem organizados. Tal caráter fracionário, segmentado e aparentemente inacabado se faz necessário ao

refletir uma consciência da incompletude própria da contemporaneidade. Costa (Danziger, 2012, p. 71) diz que, na obra da colega, a fragmentação proporciona consistência e densidade aos signos do cotidiano pela aproximação com outros apropriados da história da arte.

O trabalho da artista ganha destaque pelas novas propostas de apropriação. Reúne material produzido com diferentes ideias em uma mesma peça, criando significados variados para essa junção. Costa (Danziger, 2012, p. 69) resume bem ao dizer que ela problematiza a ordem dos discursos estabelecida pela cultura impressa, além de problematizar a verdade construída como obviedade através da desordem e da ruína na materialidade da página.

Diário públicos problematiza o compromisso da imprensa jornalística com a palavra utilitária, mas também com suas simulações de uma realidade que não se deixa ver como construção. Seu trabalho artístico é crítico do terrorismo dos discursos midiáticos de denegação da realidade – essa simulação do mundo material que eles produzem diariamente – através da afirmação de uma outra temporalidade mais densa que exige outra forma de atenção (DANZIGER, 2012, p. 71).

As obras melancólicas levantam indagações pertinentes sobre inúmeros problemas atuais. A fim de resistir, Bourriaud (2009, p. 124) acredita que o importante é a nossa capacidade de criar novos arranjos dentro do sistema de equipamentos coletivos, formando ideologias e categorias de pensamento, criação que apresenta várias semelhanças com a atividade artística. É este o movimento realizado por Leila, quando questiona a imprensa e a sociedade através de seus jornais apagados.

2.4 DO ESQUECER

Tendo em consideração que Danziger acredita que os jornais trazem consigo a matéria frágil do papel, a efemeridade das coisas e a informação tão logo obsoleta, o esquecimento é um destino irrevogável para os veículos de comunicação impressa. A própria cita: “Não me parece exagero afirmar que um pacto de esquecimento orienta os jornais” (DANZIGER, 2005). Logo, Leila questiona o jornal sendo o *locus* do esquecimento, explicitando a ação do tempo sobre o conteúdo outrora contido naquelas páginas. Essa rápida perda de importância faz surgir uma necessidade de reverter a instrumentalização da linguagem jornalística, voltada para o consumo e o esquecimento.

Figura 6 – Obra *Resistir-por-ninguém-e-nada* (2005), de Leila Danziger



Fonte: site oficial da artista (www.leiladanziger.net)

Costa faz nova contribuição ao refletir sobre o fazer artístico de Leila: “Colecionando jornais, ela neutraliza o esquecimento; apagando imagens, faz ver figuras; gravando balbucios poéticos, impulsiona outras falas” (DANZIGER, 2014, p.35). A artista reconhece nos jornais cotidianos um meio privilegiado de tramar palavras e imagens. Nem sempre é bem-sucedida, como conta em artigo (Danziger, 2005): “Embora a cada dia a paisagem jornalística ressurgja em novos blocos de textos e imagens, nem sempre encontro aquilo que confere potência estética à sucessão amorfa dos dias”.

Costa chama a atenção para a relação entre esquecimento e memória nas obras de Leila. “Pelo menos dois de seus trabalhos [...] recebem títulos que apontam para esse problema: a série de jornais *Pensar em algo que será esquecido para sempre* e o livro-de-artista *Lembrar/Esquecer*, ambos de 2006” (DANZIGER, 2012, p.77). Para a artista, memória e esquecimento são indissociáveis e relacionam-se sempre de modo tenso e imprevisível, como exemplifica a seguir:

“É certo que esquecer pode ser uma medida higiênica e saudável diante da massa informativa, e tantas vezes inútil, dos meios de comunicação. Cabe rejeitá-la de forma crítica, buscando com vigor a experiência e o sentido, sempre tão precários, provisórios e ameaçados pelo esquecimento (DANZIGER, 2005).

Leila almeja essa experiência sensorial, poética e transformadora possibilitada pelo campo das Artes. Bourriaud (2009, p. 143) permite confirmar essa escolha, ao dizer que a arte oferece um “direito de asilo” imediato a todas as práticas desviantes, que não encontram lugar em seu leito natural. Desta forma,

a melancolia presente no trabalho da artista vai contra essa “doença de nossa cultura que acelera o tempo e nos impede de experimentar a densidade do mundo em sua complexa realidade” (DANZIGER, 2012, p. 71).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se na produção de Leila Danziger é notório que a artista utiliza a materialidade do jornal impresso, na pesquisa em que estamos envolvidos trata-se de priorizar o estado anterior ao jornal impresso, as páginas do bloco de anotações, local de onde o texto que virá a ser publicado tem garantida sua origem. O trabalho da artista avança por questões conceituais relacionadas às coisas desprezadas, desconsideradas, banais. Seu trabalho aponta para formas de tratar aquilo que resta. Interessa aqui todo o trabalho com sobras, recortes, trechos e estilhaços de um conteúdo relegado. Sua salvaguarda está na potência poética mantida em anotações, naqueles “pedaços de papel”.

Vinhosa (2011, p. 47) acredita que “a arte, embora constitua uma prática social diferenciada, não está separada da vida, antes a integra ao participar do modo como produzimos nossas realidades”. Desta maneira, também o trabalho de Leila questiona a função social dos jornais cotidianos, objetos bidimensionais e gráficos capazes de transformar a vida das pessoas.

O trabalho poético visual de Leila Danziger, seja apagando as páginas do jornais, trabalhando com sua materialidade característica, salvando frases literárias ou questionando o esquecimento, a memória e o conteúdo textual, é constituído de uma crítica feroz ao modo como vivemos. Como artista visual, ela é uma crítica da realidade contemporânea. Todos os dias, embarcamos na luta contra o esquecimento, cientes de que “ler os objetos do mundo [é] traduzir o tempo, tendo consciência de sua impermanência” (DANZIGER, 2012, p. 79).



REFERÊNCIAS

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins, 2009.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: Do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

DANZIGER, Leila. *Diários públicos: Jornais e esquecimento*, 2005. Disponível em <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/diarios-publicos-jornais-e-esquecimento-de-leila-danziger-2>>. Acesso em 30 de outubro de 2016.

DANZIGER, Leila (Org.). *Diários públicos: Sobre memória e mídia*. Rio de Janeiro: Editora Contracapa, 2014.

DANZIGER, Leila (Org.). *Todos os nomes da melancolia*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

GALLI, Tânia Mara; NASCIMENTO, Maria Livia do; MARASCHIN, Cleci. *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MENEZES, Filipe Amaral Rocha de. *O esquecimento e o não esquecimento: Diário públicos, de Leila Danziger*, 2014. Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/viewFile/5835/5044>>. Acesso em 31 de outubro de 2016.

PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio – Políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

VINHOSA, LUCIANO. *Obra de arte e experiência estética: arte contemporânea em questões*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.